

---

# Uma leitura dos registros de indisciplina escolar sob a ótica do pensamento complexo

---

**Cleide Rita Silvério de Almeida**

PPGE-Uninove  
calmeida@uninove.br

**Paulo Roberto Rodrigues Simões**

Professor da Rede Pública Municipal  
PPGE-Uninove  
parorosi@ig.com.br

Apresentamos ocorrências de indisciplina registradas no “livro preto” de uma escola estadual de ensino fundamental e médio. Buscamos, no pensamento complexo, uma contribuição para a leitura dessas ocorrências, pois entendemos que o pensamento linear não seja suficiente para a inteligibilidade e compreensão desse problema, uma vez que reforça a visão tradicional de ordem, não se abrindo para a articulação ordem-desordem-interação-organização.

**Palavras-Chave:** Complexidade. Indisciplina. Ordem-desordem-interação-organização.

Eu não gosto do bom gosto  
Eu não gosto do bom senso  
Eu não gosto dos bons modos  
Não gosto  
(Senhas – Adriana Calcanhoto)

## 1 Introdução

Este artigo nasceu de uma atitude curiosa e de uma série de indagações motivadas por um projeto de investigação que examinou os livros de ocorrência de uma escola estadual, situada na zona leste de São Paulo. É comum a toda escola pública da Rede Estadual de ensino contar com um livro para registrar as ocorrências disciplinares. Esse livro é denominado também de “livro preto” e consta dos documentos oficiais da escola.

Os registros pesquisados compreendem o 2º semestre de 2000 e o primeiro de 2001, dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, dos períodos matutino vespertino e noturno.

Espaço privilegiado da produção e sistematização do conhecimento, a escola é, por excelência, o lugar dos registros. Desde o momento da matrícula, que permite nosso acesso à determinada instituição escolar, aos prontuários, fichários, planejamentos, diários de classe, cadernos, livros de atas, crachás ou cartão de identificação, procuramos validar a prática cotidiana em registros. Esses procedimentos são permeados de significados simbólico e histórico na vida escolar. Assim como na escola, na sociedade contemporânea a prática social dos registros é uma característica de seu cotidiano, pois, desde que nascemos somos registrados, tiramos um documento de identidade (registro geral), registra-se o batizado, o casamento, as separações, os bens móveis e imóveis, tudo

é registrado, inclusive a morte, rito de passagem marcante na existência humana. Enfim, os registros qualificam nossa vida em sociedade como cidadãos.

O dicionário Aurélio traz vinte e quatro indicações para a palavra registro e achamos interessante ressaltar as três primeiras. A de número um refere-se à própria ação: “ato ou efeito de registrar”. A segunda nos indica a importância da autenticidade ao apresentar registro como “instituição, repartição ou cartório onde se faz a inscrição, ou transcrição, de atos, fatos, títulos e documentos, para dar-lhes autenticidade e força de prevalecer contra terceiros”. Aqui temos a instituição escolar transcrevendo atos e fatos ocorridos no cotidiano escolar, não só para autenticá-los, mas também para conferir-lhe força contra terceiros. E finalmente a terceira definição que complementa as anteriores: “livro especial onde se registram certas ocorrências públicas ou particulares”. (Ferreira, 1986 p. 1475).

Essas ocorrências registradas no livro preto levaram-nos a refletir sobre a indisciplina, buscando apreender seu significado, pois esse assunto, antes quase de exclusividade de professores e profissionais ligados à Instituição Escolar (diretores, coordenadores pedagógicos, supervisores de ensino, entre outros), hoje tem sido objeto crescente de preocupação de todos os envolvidos e também dos meios de comunicação de massa.

A indisciplina escolar tem sido estudada, principalmente, nos últimos dez anos, período em que esse assunto ganha cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas por meio de dissertações de mestrado, doutorado, artigos, livros, seminários e congressos.

Outro ponto a ser destacado é o caráter universal da temática, visto que o referido pro-

blema não é peculiaridade das escolas brasileiras, pois as pesquisas demonstram que tais situações ocorrem, por exemplo, em países como Estados Unidos, França, Espanha, Portugal, nos quais se verificam condições mais satisfatórias de infra-estrutura do trabalho escolar.

Aquino afirma que:

Poucas certezas há sobre a indisciplina escolar das crianças e dos jovens. Sobre ela, algumas coisas pode-se afirmar com razoável segurança: outras, só se pode suspeitar. Sabe-se claramente que a indisciplina constitui umas das queixas reinantes quanto ao cotidiano não apenas de professores, mas também de pais. Um tema, portanto, emblemático da dificuldade de educar na atualidade, seja na família, seja na escola – as duas instituições historicamente reconhecidas como principais responsáveis pela educação de crianças e jovens. (Aquino, 2003, p. 7)

Pelos dados levantados, verificamos que há 300 registros feitos pelos gestores do campo pesquisado. Assim, para uma primeira compreensão, organizamos as ocorrências em seis grandes blocos: 96 envolvem a relação professor-aluno; 77 referem-se às regras estabelecidas pela escola; 78 pontuam a relação aluno-aluno; 16, convocação/comparecimento de pais; 26, aluno e patrimônio escolar e 7 tratam da relação entre alunos e funcionários administrativos. A seguir, apresentamos alguns exemplos que foram transcritos, conforme o texto original.

### **Relação professor-aluno:**

São Paulo, 19 de julho de 2000.

Ocorrência n.º 34: Nesta data, o aluno X da 5.º C, o mesmo foi trazido à Direção a pedido da prof.<sup>a</sup>, porque o aluno fica chutando a porta, ou seja, empurrando a porta, impedindo a entrada da professora e diz na sala de aula palavras de baixo calão. O aluno já está ciente, se não melhorar o comportamento, que tomaremos atitudes mais severas da próxima vez.

### **Regras estabelecidas pela escola:**

São Paulo, 14 de julho de 2000.

Ocorrência n.º 27: Nesta data as alunas X e Y da 5.ª C e D, as alunas acima citadas chegaram atrasadas à escola, pularam o portão e estavam subindo na caixa, onde estão depositados os botijões de gás. As alunas foram reconhecidas pelos colegas, foram trazidas à Diretoria, onde foram advertidas e convocados os responsáveis.

### **Relação aluno-aluno**

São Paulo, 03 de julho de 2000.

Ocorrência n.º 03: Nesta data X do 3.º E, Y começaram a brincar em sala de aula na troca de professores, mas acabaram se desentendendo e partiram para a agressividade. O aluno X jogou lixo no colega Y, e o mesmo não gostando da brincadeira partiu para a violência, ferindo o aluno X no rosto. Ambos à Diretoria e receberam suspensão de três dias para reflexão a partir do dia 03/07/00. Em tempo, o aluno Y, também jogava giz no aluno X.

### **Convocações/comparecimentos de pais**

São Paulo, 03 de outubro de 2001.

Ocorrência n.º 324: Nesta data, o responsável pelo aluno X, 2.º D compareceu nesta Unidade Escolar para ficar ciente do comportamento de seu filho. O aluno, acima referido, vem tendo mau comportamento na escola, en-

quanto está havendo aulas em sua sala. O aluno vem sendo aconselhado pela Vice-Diretora mas, infelizmente, não está surgindo efeito.

## 2 Aluno e patrimônio escolar

São Paulo, 08 de agosto de 2000.

Ocorrência n.º 60: Nesta data, o aluno X foi pego em flagrante em frente à porta do laboratório riscando a porta com instrumento cortante o aluno, ao perceber que a Vice-Diretora se aproximava tentou se disfarçar que nada estava fazendo, dizia que estava riscando a porta com suas unhas. O aluno recusou em assinar.

## 3 Alunos e funcionários administrativos

São Paulo, 21 de março de 2001.

Ocorrência n.º 224: Nesta data X da 6.ª A, após o intervalo, o aluno foi pego pelo inspetor de aluno correndo em cima das carteiras, segundo ele e esta atitude foi devido os colegas estarem tentando pegar o seu chocolate. Seus pais foram convocados para estarem cientes do fato.

O problema da indisciplina, como podemos verificar nos exemplos citados, remete a uma questão de manutenção da ordem vigente, cuja violação é registrada como indisciplina. A ordem, numa visão tradicional, podia ser compreendida como sinônimo de lei e estava ligada às idéias de estabilidade, constância e regularidade, e a desordem, ao acaso e ao imprevisível. Eram pensadas como alternativas, ou ordem, ou desordem, e não numa visão que as liga e articula. A nossa maneira de agir está vinculada a um modo de pensar linear que elimina as diver-

gências, as contradições e alimenta as tautologias. A complexidade alargou e enriqueceu esses termos, retirando-os de um estado monolítico, estabelecendo, entre eles, comunicação, colaboração, inter-relação, associações e combinações múltiplas. Analisar a indisciplina sob a ótica da complexidade implica pensar, ao mesmo tempo, a oposição e a necessária articulação entre a ordem e a desordem, numa relação complementar, concorrente e antagonista. Ordem e desordem são inseparáveis, necessitando-se e co-produzindo uma a outra. Não se trata de um equilíbrio estático, e sim dinâmico. Em geral, ordem e desordem são vistas como opostos e excludentes enquanto o pensamento complexo evoca uma dialógica entre a ordem, a desordem e a organização. Há ordem na desordem e vice-versa, formando o tetragrama ordem-desordem-interação-organização. No entanto, o tetragrama não deve ser visto como uma fórmula suprema, mas como um passo para estabelecer uma compreensão complexa que nos permita pensar em termos de integração e articulação na direção daquilo que é tecido junto, como exprime o termo *complexus*. Parece que lidamos com uma concepção de disciplina previamente dada e que é anterior à presença dos estudantes em um determinado contexto escolar, não se constituindo uma construção. Obedecer a regras determinadas é diferente de participar da elaboração de processos que considerem a dinâmica das relações existentes no contexto escolar. O problema da indisciplina como aparece nos registros escolares propõe muito mais uma aceitação passiva das regras do que uma interação dialogada. Se a disciplina/indisciplina está apoiada numa forma de pensar linear e binária, por que não tratá-la “autopoiéticamente”, isto é, como uma autoprodução capaz de recomposi-

ção contínua? Será que a escola busca uma segurança inexistente?

Aquino, analisando o problema da indisciplina, resgata um texto de 1822, intitulado *Recomendações Disciplinares*<sup>1</sup>.

Não há creanças refractarias á disciplina, mas somente alumnos ainda não disciplinados. A disciplina é factor essencial do aproveitamento dos alumnos e indispensavel ao homem civilisado. Mantêm a disciplina, mais do que o rigor, a força moral do mestre e o seu cuidado em trazer constantemente as creanças interessadas em algum assumpto util. Os alumnos se devem apresentar na escola minutos antes das 10 horas, conservando-se em ordem no corredor da entrada, para dahi descerem ao pateo onde entoarão o cantico. Formados dois a dois dirigir-se-hão depois ás suas classes acompanhados das respectivas professoras, que exigirão delles se conservem em silencio e entrem nas salas com calma, sem deslocar as carteiras. Deverão andar sempre sem arrastar com os pés, convindo que o façam em terça, evitando assim o balançar dos braços e movimentos desordenados do corpo. Em classe a disciplina deverá ser severa: os alumnos manterão entre si o silencio absoluto; não poderá estar de pé mais de um alumno; a distribuição do material deverá ser rapida e sem desordem; não deverão ser atirados ao chão papeis ou quaesquer cousas que prejudiquem o asseio da sala; sempre que se retire da sala, a turma

a deixará na mais perfeita ordem. No recreio a disciplina é ainda necessaria para que elle se torne agradavel aos alumnos bem comportados: deverão os alumnos se entregar a palestras ou a diversões que não produzam grande alarido; deverão merecer attenção especial os alumnos que se excederem em algazaras com prejuízo da tranquillidade dos demais; serão retirados do recreio ou soffrerão a pena necessaria os alumnos que gritarem, fizerem correrias, damnificarem as plantas ou prejudicarem o asseio do pateo com papeis, cascas de fructas, etc.; deverão os alumnos no fim do recreio formar com calma sem correrias, pois que o toque de campainha é dado com antecedencia necessaria. Deverão os alumnos lavar as mãos e tomar agua no pavimento em que funcionar a classe a que pertençam. Não poderão tomar agua nas mãos; a escola fornece copos aos alumnos que não trazem o de seu uso. Deverão ter todo o cuidado para não molhar o chão, ainda mesmo juncto ás pias e talhas. Ao findarem os trabalhos do dia, cada classe seguirá em forma e em silencio até a escada da entrada, e só descida esta, se dispersarão os alumnos. (MORAES apud AQUINO, 1996, p. 42-43)

Observemos que as regras disciplinares, no contexto acima, são propostas, considerando pontualidade, ordem, corpo disciplinado, asseio, calma e silêncio.

Apesar de estarmos distantes das regras disciplinares de 1822, o contexto escolar atual parece não considerar as transformações, man-

tendo, pelo que se pode observar nas ocorrências registradas, práticas que continuam presentes na mentalidade escolar e que norteiam as regras disciplinares, como se o contexto e os sujeitos envolvidos fossem os mesmos de então.

...salvo raras exceções, os parâmetros que regem a escolarização ainda são regidos por um sujeito abstrato, idealizado e desenraizado dos condicionantes sóciohistóricos. As próprias teorias psicológicas e suas derivações pedagógicas, em geral, sacralizam a naturalidade com que este *sujeito universal* é pensado. Sempre como se todos fossem iguais em essência e em possibilidades... (Aquino, 1996, p.44)

Guimarães também observa:

A escola como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais (...). A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade (Guimarães, 1996, p. 78).

Verificamos, portanto, que apesar dos estudos que apontam novas metodologias, olhares e perspectivas acerca da relação professor-aluno e do processo de aprendizagem, a instituição escolar permanece com bases estruturais arcaicas e, de certa forma, desestruturada para corresponder às necessidades atuais dos alunos. Considerando a indisciplina como um assun-

to multifacetado, caleidoscópico, por meio do qual, conforme movimentamos o prisma, captamos um aspecto, o que a indisciplina nos revela? Os alunos não poderiam estar manifestando, nessas atitudes, uma forma de expressão, uma forma de ser? A indisciplina é um produto individual que envolve o aluno indisciplinado ou retrata processos desenvolvidos e privilegiados pelo contexto socioeconômico e cultural?

O psicanalista Jurandir Freire Costa escreveu um artigo de grande repercussão em que fala de tempos sombrios, ao constatar ou diagnosticar a sociedade brasileira com pessoas voltadas para si mesmas, vivendo em um contexto desestruturado no qual prevalecem, entre outras coisas, a crise das utopias, a degradação do público, a banalização da violência e a valorização do supérfluo, levando-as a uma cultura da razão cínica que as torna indiferentes diante dos valores.

Acreditamos que trazer a contribuição de outras análises ajuda-nos a ampliar o olhar e também a tecer junto, como o termo *complexus* sugere, permitindo-nos perceber o outro lado de uma realidade que oculta tensões e conflitos.

Oliveira, ao apresentar uma discussão sobre o conceito de indisciplina numa visão democrática em oposição à autoritária, indica que tal entendimento está ligado à concepção de educação e do tipo de ser humano que queremos formar. Discute também a influência do processo histórico-social no comportamento das pessoas e analisa como as transformações pedagógicas influenciam o modo de entender a indisciplina. Ressalta ainda que a escola não está imune ao momento de profundas transformações; por isso, não podemos apontar apenas os educadores como os responsáveis pela indisciplina e pelos conflitos gerados na escola, visto que a instituição de ensino é um reflexo do de-

sajustamento desse sistema social, indisciplinado, em que tudo é permitido.

Cientes desse contexto, ao tentarmos entender a indisciplina, temos de considerar a complexidade de um mundo dito “pós-moderno” e sua influência sobre o comportamento dos indivíduos. Assim, é importante que o professor, em sua prática pedagógica, assuma uma posição em que ajudar o aluno a encontrar sentido para vida seja uma de suas metas (Oliveira, 2005, p. 37).

Guimarães não só analisa a indisciplina, mas também observa como a própria instituição escolar é marcada por ambigüidades.

... a escola, enquanto espaço de violência e de indisciplina, é percorrida por um movimento ambíguo: de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro, pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflitual (Guimarães, 1996, p. 77)

A Professora Flávia Schilling confirma a ambigüidade analisada por Áurea Guimarães, ampliando a questão para além dos muros da instituição escolar e mostrando que a qualidade da dinâmica familiar também impacta o processo pedagógico.

Os jovens falam da violência sexual, do espancamento, das brigas. Violência, portanto, que acontece contra a mulher, a criança, o adolescente, o idoso, o portador de deficiência, o doente mental. Ligada ao alcoolismo, ao de-

semprego, e, acrescento, a uma estrutura de família que joga todo seu peso no papel masculino. Que discrimina e inferioriza a mulher. Que provoca vitimização direta e indireta e que, muitas vezes, repercute na atividade escolar da criança ou do jovem, sob a forma da indisciplina, do descaso, da dificuldade em aprender. (Schilling, 2003, p. 33)

Assim, as autoras apontam que, para compreender as formas de indisciplina que dinamizam o dia-a-dia escolar, é preciso aprender a ambigüidade e a complexidade desses fenômenos em seus modos específicos de manifestação.

Diante do contexto sobre o qual acabamos de refletir, cabe-nos fazer uma indagação: Será que esses atos não significam também expressões do que acontece no tecido social que diariamente é marcado pela prática da indisciplina, incivilidade e violência?

Para o pensamento complexo, a realidade está em constante movimento, produzindo, continuamente, interações. Os registros escolares, tal como estão formulados, evidenciam uma percepção estanque da realidade, afastando-se da dialogicidade e aproximando-se de uma postura simplificadora. O olhar da complexidade contribui para que nossa percepção dos problemas capte a multidimensionalidade e multirreferencialidade das várias facetas de um problema, apreendendo os seus entrelaçamentos. Há uma dinâmica entre o todo das situações e as partes em que o todo é, ao mesmo tempo, mais e menos que a soma das partes, fazendo-nos entrar na dinâmica do uno e do múltiplo. Se o problema da indisciplina é tratado de maneira estanque e atomística que oculta as

interdependências, a complexidade restabelece as indeterminações, o acaso e as contradições dessa realidade problemática. Além disso, suscita e desafia a todos nós educadores a construir atitudes, posturas e reflexões capazes de religar, interagir com as questões de forma contextualizada e a jogar dialogicamente. Para corroborar esse processo, citamos uma passagem de Morin que utiliza a metáfora do jogo ao referir-se ao movimento dialógico:

Há um grande jogo cosmogênico da desordem, da ordem e da organização. Pode-se dizer jogo porque há as peças do jogo (elementos materiais), as regras do jogo (imposições iniciais e princípios de interação) e o acaso das distribuições e dos encontros. (Morin, 2003, p.77)

### **A reading of shoolar indiscipline registers by a complexity thinking reference**

We present some events of indiscipline registered in the “black book” of a public school of primary and medium level. Within the complex thought, we search a contribution for reading these events, understanding that the linear thought is not enough to the intelligibility and comprehension of this problem, once it reinforces the traditional vision of order, not opening itself to the order-disorder-interaction-organization.

**Key words:** Complexity, Indiscipline and order-disorder-interaction-organization.

## **Nota**

- 1 A grafia original foi mantida.

## **Referências**

- AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GUIMARÃES, M. Áurea. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Izete de. *Indisciplina escolar: determinantes, conseqüência e ações*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- SCHILLING, Flávia. Indisciplina e violência nas escolas. In: *Revista da Educação*. São Paulo, Apeoesp, n. 16, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/revistaeducacao/revistaeducacao5.htm>>. Acesso em: 10 out. 2004.